

JOGOS DE LINGUAGEM E FORMAS DE VIDA: A IMPORTÂNCIA DOS NÚMEROS EM UMA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Jackson Luís Santos de Vargas¹

jackson.vargas@edu.pucrs.br

Isabel Cristina Machado de Lara²

isabel.lara@pucrs.br

Resumo: Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida em uma Universidade do Sul do Brasil. Objetiva analisar as semelhanças de família e os Jogos de Linguagem presentes nos números utilizados em um grupo cultural afro-brasileiro. Essa análise abrange as formas de uso, significados e representações místicas dos números em questão. O problema de investigação é representado pela seguinte pergunta: *Qual a influência que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul?* O material empírico foi constituído por entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro participantes desse grupo cultural, individualmente. O principal aporte teórico para esse estudo é a obra *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein (1991). Ao analisar as narrativas dos participantes, foi possível evidenciar que os números utilizados nessa cultura apresentam variações nas diferentes comunidades, mantendo semelhanças de família, quanto ao seu uso. Submúltiplos numéricos foram convencionados pelos precursores da religião como forma de perpetuação do culto, fortificando sua cultura como modo de resistência à sujeição desses saberes perante a sociedade de controle. Os números possuem caráter essencial e místico no culto, representando o sagrado, em todos os sentidos.

Palavras-chave: Batuque; Formas de Vida; Jogos de Linguagem.

LANGUAGE GAMES AND LIFE FORMS: THE IMPORTANCE OF NUMBERS IN AN AFRO-BRAZILIAN CULTURE

Abstract: This study presents partial results of a Master's research, developed at a University in the South of Brazil. It aims to analyze the family similarities and the Language Games present in the numbers used in an Afro-Brazilian cultural group. This analysis covers the forms of use, meanings and mystical representations of the numbers in question. The research problem is represented by the following question: *What influence do the numbers have on Batuque in Rio Grande do Sul?* The empirical material consisted of semi-structured interviews, conducted with four participants from this cultural group, individually. The main theoretical contribution to this study is the work *Philosophical Investigations* by Wittgenstein (1991). When analyzing the narratives of the participants, it was possible to show that the numbers used in this culture vary in different communities, maintaining family similarities, regarding their use. Numerical submultiples were agreed upon by the forerunners of religion as a way of perpetuating the cult, strengthening their culture as a way of resisting the subjection of this knowledge to the control society. Numbers have an essential and mystical character in the cult, representing the sacred, in all senses.

Keywords: Batuque; Life Forms; Language Games.

1 Mestre e doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela PUCRS. Professor da Rede Estadual de Educação do RS. Bolsista CAPES.

2 Doutora e Mestre em Educação pela UFRGS. Licenciada em Matemática pela UFRGS. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática e Faculdade de Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida em uma Universidade do Sul do Brasil. Objetiva analisar as semelhanças de família e os Jogos de Linguagem presentes nos números utilizados em um grupo cultural afro-brasileiro. Essa análise abrange as formas de uso, significados e representações místicas dos números em questão. O objetivo é analisar as semelhanças de família entre os jogos de linguagem presentes nos números utilizados em determinado grupo de cultura afro-brasileira, como também os significados assumidos por eles e suas representações místicas. O problema de investigação pode ser representado pela seguinte pergunta: *Qual a influência que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul?* Para chegar à resposta da questão, realizou-se a coleta de dados de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente com os participantes da pesquisa.

Os entrevistados foram escolhidos conforme sua posição hierárquica dentro do grupo religioso, idoneidade e destaque na sua comunidade. De acordo com esses critérios, quatro babalorixás⁴, do sexo masculino, com mais de 35 anos dedicados ao Batuque foram convidados a participar da pesquisa. Os participantes com idades de 85, 49, 44 e 66 anos, sendo desses, 65, 42, 38 e 52 anos dedicados à Religião, respectivamente.

JOGOS DE LINGUAGEM E FORMAS DE VIDA

“A significação de uma palavra é seu uso na linguagem”. Wittgenstein (1991, p. 28).

A linguagem atua em seus usos, de acordo com suas aplicações práticas. Por sua vez, essas linguagens são múltiplas e variadas, constituindo autênticas formas de vida. Em vez de linguagens, o termo mais apropriado seria Jogos de Linguagens, pois auxilia na compreensão, na indagação e na descrição de situações, etc. (WITTGENSTEIN, 1991).

As palavras, as frases e os signos não são definitivos. Na medida em que novos jogos de linguagem surgem, outros deixam de existir. Com isso, o emprego utilizado na dinâmica estabelecida em uma determinada cultura é responsável por essas transições. Compreende-se que as expressões, por mais que sejam utilizadas e válidas em um determinado grupo cultural, podem não fazer sentido algum em outro, uma vez que não compartilham das mesmas regras e dos mesmos Jogos de Linguagens (WITTGENSTEIN, 1991). A utilidade desses jogos pode ser comparada às ferramentas utilizadas por um artesão, que usa a serra para serrar, o prego para pregar, o metro para medir, e assim por diante.

Condé (2004) aponta a importância do conceito de *uso* (Gebrauch), nas *Investigações*, tendo um caráter decisivo no entendimento de linguagem, de acordo com as concepções propostas por Wittgenstein. A contextualização de *uso* é muito mais abrangente. O significado de uma palavra é dado “[...] a partir do uso que dela fazemos em diferentes situações e contextos. Significações linguísticas constituem um fenômeno social, e esse ponto é crucial para que a concepção semântica seja substituída pela concepção predominantemente pragmática” (CONDÉ, 2004, p. 47).

O *uso* se constitui diante de uma determinada situação, ou seja, as palavras não são utilizadas uma única vez. Se utilizarmos a mesma expressão linguística em duas situações diferentes, por exemplo, a sua

3 Batuque do Rio Grande do Sul é o nome de um grupo cultural religioso, afro-brasileiro, também conhecido como nação dos orixás.

4 Babalorixá, vulgarmente conhecido como pai de santo, é o responsável máximo por uma comunidade religiosa por ele comandada.

significação poderá ser totalmente distinta em cada caso. Observa-se que “[...] mais que seu caráter de repetição – considerando que não se usa uma palavra apenas uma única vez, pois sua significação emerge exatamente dessa regularidade – o uso constitui-se de modo *relacional* à situação, isto é, a situação pode alterar a sua significação” (CONDÉ, 2004, p. 48). Distintas significações poderão ser geradas para a mesma expressão linguística, a partir de distintas situações.

Diversos campos do conhecimento utilizam as teorias propostas por Wittgenstein na Educação Matemática. Pode-se salientar que, na Etnomatemática, essas concepções delineiam-se em diferentes vieses. O programa Etnomatemática, segundo D’Ambrosio (1985), procura explicar o modo como foram gerados, organizados e transmitidos, conhecimentos legítimos pertencentes a um determinado grupo cultural.

Para o autor, a Etnomatemática não é somente o estudo de uma Matemática étnica, como o nome sugere, pois a etimologia permite articular a Etnomatemática como, “[...] o estudo de várias maneiras técnicas, habilidades (téchnés ou ticas) de explicar, de entender de lidar e conviver (matema) nos distintos contextos naturais e sócio-econômicos, espacial e temporalmente diferenciados, da realidade (etno)”. D’Ambrosio (1996, p. 48).

Knijnik, a partir de uma visão pedagógica, destaca o que chama de “abordagem Etnomatemática” que investiga, “[...] as concepções, tradições, e práticas matemáticas de um grupo social subordinado e o trabalho pedagógico que se desenvolve na perspectiva de que o grupo interprete e codifique seu conhecimento [...]” (1996, p. 88). Com base na definição da autora, a Etnomatemática procura desenvolver múltiplas competências, como a leitura de conhecimentos.

Recentemente, pesquisas em Etnomatemática direcionam-se às linhas filosóficas. Assemelham-se a uma caixa de ferramentas, a partir de pressupostos teóricos de Foucault e Wittgenstein, as quais possibilitam a análise dos discursos que, “[...] instituem as matemáticas Acadêmica e Escolar e seus efeitos de verdade e examinar os jogos de linguagem que constituem cada uma das diferentes matemáticas analisando suas semelhanças de família” (KNIJNIK et al., 2012, p. 28).

A Matemática ensinada nas escolas não abrange todos os Jogos de Linguagem associados a ela. Por existirem outras formas de vida, outros Jogos de Linguagem associados podem, todavia, manter somente semelhanças de família. Para a autora, “precisamente por apresentar essa semelhança de família, podemos adjetivá-los como jogos de linguagem matemáticos, já que são similares aos que praticamos na matemática escolar” (KNIJNIK, 2014, p. 149).

Wittgenstein, em sua teoria, permite identificar lacunas na Matemática Escolar, visto que não reúne todos os Jogos de Linguagem matemáticos necessários para a aprendizagem dos alunos. Sua filosofia contribui para que não se conceba, na Matemática, uma linguagem universal. Essa contribuição advém de seus apontamentos para inúmeras formas de linguagem, com diferentes formas de usos.

Formas de vida e as gerações dos saberes

O Batuque do Rio Grande do Sul é uma manifestação cultural religiosa pertencente à cultura afro-brasileira, fundada por escravos, no Rio Grande do Sul, durante a escravidão. Essa manifestação também é conhecida como Nação dos Orixás e se diferencia em segmentos, que são chamados pelos praticantes, de lados⁵ religiosos (VARGAS, 2016).

5 Esses lados são tradições religiosas que mantêm costumes oriundos da África, das regiões que pertenciam os escravos. Podemos destacar as nações de Ijexá, Oió, Jeje e Cabinda e também as suas mesclas: Jeje-Ijexá, Oió-Ijexá, Oió-Jeje, etc.

Em Defesa da Sociedade, um dos cursos ministrados por Foucault, no *Collège de France*, é possível compreender que uma das funções do racismo é ser um mecanismo de controle e domínio sobre a vida. Serve para distinguir o que se chama de raça e, a partir disso, determinar o que deve viver e o que deve morrer na sociedade (FOUCAULT, 2005). Essa distinção das raças da espécie humana foi organizada hierarquicamente, de modo que umas fossem consideradas superiores em relação às outras, perante a sociedade. O racismo, nesse viés, passa a ser visto como um mecanismo de censura e fragmentação, permitindo a segregação de um grupo social.

Outra consequência do racismo é a possibilidade do exercício do biopoder⁶ e permite estabelecer,

[...] entre a minha vida e a morte do outro, uma relação que não é uma relação militar e guerreira de enfrentamento, mas uma relação do tipo biológico: ‘quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação a espécie, mais eu - não enquanto indivíduo mas enquanto espécie - viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar’. A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura. Portanto, relação não militar, guerreira ou política, mas relação biológica. (FOUCAULT, 2005, p. 305).

A atuação desse mecanismo de controle ocorre no biopoder, porque a supressão desses indivíduos é biológica e não política, objetivando fortalecer e preservar a “raça boa”, eliminando a “raça ruim”, considerada inferior. O racismo é a condição aceitável para que uma ou mais vidas sejam suprimidas na sociedade de normalização (FOUCAULT, 2005).

O Batuque praticado no Sul do país depara-se seguidamente com essas pressões sociais, nas quais seus ritos são demonizados e marginalizados. Esse julgamento é realizado por pessoas que ignoram os fundamentos e princípios religiosos, permitindo uma visão a partir da sua realidade, descartando a realidade dessa cultura. Coloca-se a verdade como algo universal e não algo próprio de determinado grupo. No Batuque são cultuados Orixás, forças cósmicas ligadas à natureza. Esse conjunto de Orixás é conhecido como Orumalé e a cada Orixá são atribuídos cores, oferendas, números, etc.

Os participantes de pesquisa concordam que cada número corresponde a um determinado Orixá do panteão africano, formado no Orumalé⁷ dos orixás, do Batuque do Rio Grande do Sul. São exemplos: Orixá Oxum, dos rios e cachoeiras, o qual é atribuído o número 8. O Orixá Iemanjá, dos rios e dos mares, tem como número místico o 16, e Oxalá, o número 32.

Essa convenção, em relação aos números atribuídos aos orixás do Batuque vai ao encontro da explicação de Wittgenstein (1991) e, nesse caso, é concebida de acordo com a necessidade de representação do sagrado. A partir de determinadas circunstâncias, utilizaram algumas padronizações que eram comuns entre os lados religiosos e adaptaram seu uso e concepção, de acordo com a necessidade. Bará, o Orixá do movimento e dos caminhos é representado pelo número 7, mas em algumas Nações, pode ser representado pelo submúltiplo 3.

6 O biopoder pode ser entendido como “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (Foucault, 2008, p. 3).

7 Orumalé significa, no Batuque, o conjunto dos 12 orixás cultuados.

Entretanto, o *participante 1* relata que “*Se colocar mais para o Bará ele não responder porque a conta máxima dele é 7*”. A guia⁸ de Xangô, Orixá da justiça, dos trovões e das pedras, pode ter 6 ou 12 voltas. Os Jogos de Linguagem utilizados pelos praticantes do Batuque em suas representações podem não fazer nenhum sentido para as outras pessoas. Exemplo disso é a convenção estabelecida pelos precursores da religião de que o número 3 é um submúltiplo de 7. Compreende-se, assim, que os usos das palavras utilizadas para designar os números são concebidas a partir de suas definições ostensivas (Wittgenstein, 1991). Abaixo, na **Figura 1**, um exemplo de guia imperial do orixá Xangô.

Figura 1 – Guia imperial do orixá Xangô com 6 voltas.



Fonte: imagem capturada pelos autores (2016).

Conforme salientam os participantes de pesquisa, as guias imperiais, como na imagem acima, só podem ser utilizadas por membros que possuam um determinado grau religioso, determinado pelos precursores do Batuque. Esse Jogo de Linguagem é estabelecido por meio da relação entre o objeto: guia e as palavras: guia imperial. Os adeptos identificam pela guia o grau religioso de uma determinada pessoa dessa comunidade (Wittgenstein, 1991).

Conclui-se que as guias imperiais podem ser vistas como um mecanismo de disciplina, por parte das pessoas que possuem um grau mais elevado no culto. Se durante rituais ou encontros religiosos não forem utilizadas, não serão reconhecidas e, por conseguinte, ouvidas e respeitadas. Essa diferenciação entre os membros torna possível aos mais graduados religiosamente, organizar os espaços e manter um controle sobre outros indivíduos.

Formas de uso e a organização dos saberes

Os entrevistados relatam que os números dos Orixás se completam, conforme regras determinadas pelos precursores da religião. Embora cada um tenha um número correspondente, existe a possibilidade de serem utilizados submúltiplos nas oferendas dirigidas a eles. Essas possibilidades foram estabelecidas na sua estruturação ou são autorizadas pelos babalorixás, por questões financeiras dos fiéis, por exemplo, como citado pelo *participante 1*, “*Muitas vezes as Pessoas não têm condições de colocar 32 para Oxalá. Nossa Nação Oxalá come cocada, muitas vezes é difícil colocar 32 cocadas, então tu pode colocar submúltiplos*”.

Todas as comidas dos orixás são organizadas de acordo com seus padrões numéricos. Essa padronização pertence a um complexo sistema de regras estabelecidas nos rituais do Batuque, as quais, se

8 Colar confeccionado com miçangas coloridas e utilizada no pescoço, pelos adeptos.

não forem seguidas, conforme os próprios adeptos assinalam em diferentes respostas, não surtirão efeito, pela mudança de significados assumidos pela quebra de tais determinações. Um exemplo seria a seguinte situação: o amalá⁹ (comida) para Xangô pode ser feito com 6 bananas, embora o ideal sejam 12, conforme *participante 3*. Esse padrão segue o mesmo dos números atribuídos aos Orixás.

As regras estabelecidas nessas formas de uso, em relação aos múltiplos e submúltiplos, seguem em conformidade com o modo de agir dessa cultura. Essa “[...] regra, uma vez estampada com um determinado significado, traça as linhas do seu cumprimento por todo o espaço” (Wittgenstein, 1991, p. 91). Os orixás aceitam que os padrões numéricos atribuídos a eles possam sofrer variações, o que demonstra sua compreensão e humanidade. Embora as regras utilizadas para a confecção das guias sejam as mesmas estabelecidas para as comidas e para os números que as representam, existe uma que diferencia o seu uso. Para o *participante 1*, a guia delogun¹⁰, “[...] só as pessoas prontas com orixás podem utilizar essa guia. Essa outra aqui que seria uma imperial, que é só para o Orixá”. Com isso, utilizam Jogos de Linguagem diferentes no uso das regras que determinam a utilização das guias imperiais.

Outro tipo de guia, confeccionada apenas com búzios, tem 8 fios, por ser esse um submúltiplo do Orixá Oxalá. Por determinação, o oráculo¹¹, no Batuque, pode ser jogado com 8, 16 ou 32 búzios. Os participantes de pesquisa concordam que, independentemente da quantidade de búzios jogados, a resposta será a mesma. Portanto, tais quantidades são determinadas conforme a tradição religiosa. Somente com autorização expressa do oráculo divinatório os seus números poderão ser modificados, desde que sigam as regras estabelecidas.

O jogo de búzios, utilizado no Batuque, é disposto em cima de uma mesa que estará sobreposta por uma toalha ou mesmo uma peneira tipo joeira e, sobretudo, um complexo conjunto de objetos que se relacionam. Esses objetos, compostos por búzios, sineta, guia imperial, caramujos, moedas e conchas, configuram signos que se modificam de acordo com a disposição dos objetos. Com essas disposições, novos signos surgem e indicam a resposta para os questionamentos elaborados pelo consulente e interpretados pelo responsável pelo jogo. Dessa forma, os objetos representam signos que indicam a solução sugerida pelos deuses. As regras de interpretação são passadas de geração para geração e não podem ser modificadas, apenas seguidas por aqueles que estão aptos a utilizar esse oráculo. Ou seja, “Quando sigo a regra, não tenho escolha. Sigo a regra cegamente” (WITTGENSTEIN, 1991, p. 91).

Entende-se que não existem discussões acerca das regras estabelecidas em um jogo. Elas têm sua conformidade de acordo com as formas de vida do grupo que faz uso delas. Então, se as regras de um jogo forem modificadas, deixarão de ter sentido, por resultarem em outros significados. Do mesmo modo que uma palavra sem uma regra não tem significado, modificando-se a regra, habilita-se a modificação também da palavra (WITTGENSTEIN, 1991). No caso do Batuque, especificamente, resultará na interrupção da comunicação entre os homens e os deuses.

Existem normas estabelecidas de acordo com a caída dos búzios. Eles apresentam duas possibilidades de caídas: abertos ou fechados, conforme a pergunta do consulente. Por exemplo, três búzios abertos e 5

9 Amalá é uma comida destinada ao Orixá Xangô, feita com carne de peito bovino, pirão com farinha de mandioca e folhas de mostarda, utilizada como agradecimento.

10 É uma guia específica de um determinado orixá que possui a característica de ser maior que uma guia simples e possui a quantidade de voltas de acordo com o orixá que receberá tal guia. Além de ser um amuleto serve também para distinguir uma pessoa que possui uma obrigação de vínculo superior aos iniciados.

11 Oráculo é o jogo de búzios, também conhecido como ofá.

búzios fechados indicam resposta do Orixá Ogum. Se quatro búzios caírem fechados, em forma de retângulo, representam um mau presságio. Mesmo que sejam lançados 32 búzios, a forma retangular, em uma caída, pode representar a morte, conforme o *participante 2*. O *participante 1* salienta que, “Na caída dos búzios como ele cai tanto abertos como fechados, existe uma relação com o que a gente quer saber”. Assim, não basta apenas lançar os búzios, precisa-se considerar a magia contida na preparação e interpretação, que pode ser decifrada somente pelos babalorixás responsáveis pelo jogo. Abaixo, na **Figura 2**, a imagem dos búzios utilizados no oráculo dessa cultura.

Figura 2 – Búzios utilizados no Batuque.



Fonte: imagem capturada pelos autores (2016).

Esse oráculo utilizado no Batuque assemelha-se a outros sistemas de adivinhação e com conceitos empregados na Matemática Acadêmica. Um jogo de cartas utilizado por cartomantes possui numerações que representam signos. Ambos combinados entre si apresentam uma resposta, na medida em que outra disposição das cartas, assim como nos búzios, alterará os significados.

Tanto os búzios quanto as cartas buscam, por meio de signos encontrados na natureza, a comunicação com energias divinas e possuem regras definidas quanto ao seu uso. Têm a finalidade de responder perguntas que envolvam o passado, o presente e o futuro. Wittgenstein (1991) denomina essas semelhanças, esses parentescos indiretos, como semelhanças de família. Elas aparecem também na Matemática Acadêmica, como indica a imagem acima e conforme os entrevistados relataram. Essas duas possibilidades, aberto e fechado, podem ser associadas aos números binários, por exemplo, suas combinações de caída a cálculos de probabilidade.

Costa e Silva (2005) trouxeram, na *Scientific American Brasil*, importantes contribuições acerca do jogo de búzios e os cálculos de probabilidade. É possível, por meio das explicações e imagens trazidas pelos autores, apontar diversas semelhanças de família entre o oráculo sagrado utilizado nos cultos aos Orixás e a probabilidade estudada na Matemática Acadêmica. Assim, diversos Jogos de Linguagem surgem apontando parentescos entre as caídas e as possíveis possibilidades que podem ser assumidas em uma jogada.

Jogos de linguagem e a difusão dos saberes

Nos presentes oferecidos aos Orixás é possível identificar a quem a oferta foi destinada, segundo suas características e quantidades. Pelos diferentes tipos de comida e suas numerações, identifica-se a finalidade

da oferenda. Por determinação, a oferta destinada ao Orixá Bará é milho torrado, batata assada, bala de mel e opeté¹², mas deverá estar em concordância com o número 7, para que a graça seja alcançada.

No Batuque, segue-se como regra uma numeração atribuída a cada Orixá. Porém, um Orixá pode ser representado por mais de um número místico. Foram estabelecidos critérios de diferenciação em relação às características das comidas, por exemplo, já que alguns orixás mantêm parentescos em suas numerações, mas com atuações diferentes. Cada um representa um elemento diferente na natureza, além do seu campo de atuação.

Os números são resultados de duas relações: de ordem e de inclusão hierárquica. Essa evidência permite ordenar objetos em um sentido de enumeração e, a partir disso, emergirem significados que são aplicados de acordo com a finalidade. O número está presente do uso das comidas ao toque do tambor, nas guias utilizadas nos rituais, na ordem dos cantos aos orixás, nas danças e nos padrões de roupas utilizadas.

O *participante 4* evidencia que os precursores da religião estabeleceram as regras que compõem o Batuque, na associação realizada entre os Orixás e os números. Os números têm caráter mágico, “[...] não foram associados aleatoriamente, pois ao verificar o significado do número percebe-se que ele está relacionado ao perfil místico do orixá que representa.” (VARGAS, 2016, p. 86). Abaixo, no **Quadro 1**, são identificados os significados que os números assumem e a qual orixá correspondem no panteão africano.

Quadro 1 – os números e suas significações.

Orixá	Número	Significado do número
Bará	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Ogum	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Oiá	7 ou 9	O número 7 representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas. O número 9 representa a ancestralidade. O fim de um ciclo. Representa os que já se foram para o Órun.
Xangô	6 ou 12	O número 6 e o número 12 Representam a justiça e equilíbrio
Odé	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Otim	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Ossãe	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Xapanã	7 ou 9	O número 7 representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas. O número 9 representa a ancestralidade. O fim de um ciclo. Representa os que já se foram.
Obá	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Ibeji	6 e 8	O número 6 representa a justiça. O equilíbrio. O número 8 representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Oxum	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Iemanjá	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Oxalá	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.

Fonte: elaborado pelos autores com base nos estudos de Vargas (2016).

Subentende-se que, sem a permissão do Babalorixá, não é possível modificar o número dos Orixás em suas ofertas ou rituais, sob pena de não responderem ao pedido, pois está intimamente ligado à força,

12 Purê de batata inglesa moldado em forma piramidal.

poder e energia de cada um. O participante 4 salienta que: “[...], ele foi acostumado a responder para ti naquele axé, naquele número, então aquele número é super importante”. Nesse sentido, o participante 3 concorda também, complementando que, “Mas se tu não fizer o axé que está acostumado pra ele, com aquele número x eu acho que alcançará o objetivo desejado, sempre vai te faltar alguma coisa, vai te faltar alguma coisa, isso eu te digo assim como particular meu”.

O participante 2 reitera a importância de serem seguidas as determinações estabelecidas pelo Babalorixá na sua casa de Religião, em relação às numerações utilizadas para os Orixás. Do contrário, teria como resultado o efeito contrário daquilo que se almeja alcançar. Portanto, os números dentro do Batuque do Rio Grande do Sul, além de sagrados, representam os próprios Orixás.

Isso reforça o que foi dito anteriormente em relação à necessidade de que as regras de um determinado jogo sejam seguidas. A modificação de uma regra, assim como no jogo do tabuleiro, ou mesmo no jogo de búzios, ou nas comidas dos Orixás, faz com que aquele jogo se modifique e assuma outro significado.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente estudo pretendeu responder à pergunta: *Qual a influência que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul?* Para isso, considerou-se as respostas dos 4 babalorixás entrevistados, integrantes do Batuque do Rio Grande do Sul. Os resultados obtidos não se mostraram suficientes para explicar todo o processo que envolve a influência relacionada aos números das diferentes Nações de Orixás desse grupo cultural. Contudo, possibilitou uma melhor compreensão sobre os costumes e significados exercidos por essa cultura.

Esses babalorixás salientaram a importância da realização de estudos sobre o Batuque do Rio Grande do Sul para a divulgação dessa cultura religiosa, legítima de um povo injustiçado. Um povo que foi perseguido, escravizado, torturado e até mesmo executado nas senzalas. Um povo que foi sujeitado aos caprichos dos escravizadores, retirados de suas famílias, mantendo sua identidade apenas pela cor da pele e a fé em seus Orixás. Um povo que ainda hoje sofre ao ver sua crença demonizada e reduzida a folclore ou crendice popular. Um povo perseguido por não ser cristão e tem seus orixás comparados a demônios. Este estudo colabora para a insurreição dos saberes desse grupo cultural que, no passado, não teve chances de se fazer ouvir e respeitar e, ainda hoje, é submetido às relações de poder de uma maioria social.

O Batuque do Rio Grande do Sul é uma religião de resistência, de luta contra as formas de subjetivação estabelecidas nas relações de poder pela sociedade de controle. E esse poder não deve ser visto como algo que alguém possui, como um bem ou uma propriedade, mas por meio da relação que o caracteriza entre os termos que o compõe.

As relações de poder precisam ser analisadas a partir da implicância que elas mantêm entre seus elementos. Uma das principais características são os jogos de força estabelecidos entre diferentes grupos culturais e indivíduos. Essas relações de força que agem como conduta de uns sobre outros, são “[...] ações que se induzem e se respondem umas às outras” (FOUCAULT, 1995, p.240).

Os precursores do Batuque estabeleceram inúmeras regras que agem nos processos de geração, organização e difusão dos saberes desse grupo cultural, em diferentes partes dos rituais religiosos. Em relação aos números, as regras estabelecidas determinam implicações e devem ser seguidas pelos membros

pertencentes à casa religiosa na qual está filiado. Observou-se que, em alguns casos, os números mantêm semelhanças de família entre as nações, porém as regras se modificam a partir das tradições de cada Nação.

Todos os Orixás do panteão africano cultuados no Batuque do Rio Grande do Sul são representados por números que, por sua vez, se desdobram em múltiplos ou submúltiplos. Embora sejam eles para mais de um Orixá, como observado em Ogum ter o número 7, assim como Xapanã e Bará. Os babalorixás entrevistados conseguem identificar diversos saberes matemáticos em diferentes rituais religiosos. Contudo, não relacionam a Matemática Acadêmica à Matemática utilizada nos rituais. Embora sejam utilizados na Academia os múltiplos e submúltiplos numéricos, as regras estabelecidas nesses jogos são diferentes das utilizadas no Batuque e, por isso, para os participantes de pesquisa, é como se a Matemática transcendesse o mundo escolar.

Uma das possibilidades constatadas na utilização dos múltiplos e submúltiplos numéricos está relacionada à situação financeira enfrentada pelos adeptos do Batuque. Os próprios precursores adaptaram em seus rituais numerações alternativas, como forma de manter o respeito a sua religião e a seus Orixás.

Sem essa adaptação, as pessoas com menos recursos financeiros não poderiam participar desse grupo cultural. Essa alternativa contribui para que não se percam adeptos, gerando o enfraquecimento da comunidade religiosa, o que pode ser visto como uma forma de resistência. Uma das características é que “[...] a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de “baixo” e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 2004, p. 241).

Os praticantes do Batuque acreditam e respeitam os números dos Orixás. Esse caráter sagrado pode ser comparado à convicção que um engenheiro tem em seus cálculos quando elabora uma ponte, um prédio ou um avião. A fé que os praticantes do Batuque têm em relação aos números de cada Orixá, os impede de realizar qualquer modificação nessa numeração, sem a autorização expressa do chefe da comunidade, pois compreendem que seu pedido pode ser negado ou obter efeito contrário ao pretendido.

Os próprios participantes da pesquisa salientaram que os números são as palavras-chave para o Batuque e, sem eles, seria praticamente impossível seu culto e preservação. Portanto, ao ver um número, estão vendo a sua própria fé, estão vendo seus próprios Orixás. Diante disso, conclui-se que a Matemática, particularmente os números utilizados pelo Batuque do Rio Grande do Sul, não possuem ligações diretas com a Matemática Escolar e Acadêmica. Contudo, mantêm parentescos e semelhanças de família que são, para esse grupo cultural, saberes legitimamente válidos.

REFERÊNCIAS

- CONDÉ, M. L. L. **As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2004.
- COSTA, W. N. G.; SILVA, V. L. **Matemática mítico-religiosa-corporal do negro brasileiro**. Scientific American Brasil, São Paulo, p. 94-98, (Edição Especial Etnomatemática), 2005.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. **Globalização e multiculturalismo**. Santa Catarina: editora Furb, 1996.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis, vozes, 1987.
- _____. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995.

- _____. **Não ao sexo rei.** In: MACHADO, R. (Org.). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2004.
- _____. **Em defesa da sociedade:** Curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Segurança, território, população:** Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KNIJNIK, G. **Exclusão e Resistência:** Educação Matemática e Legitimidade Cultural. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- KNIJNIK, G.; et al. **Etnomatemática em movimento.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- KNIJNIK, G. **Juegos de Lenguaje Matemáticos de Distintas Formas de Vida:** contribuciones de Wittgenstein y Foucault para pensar la educación matemática. *Revista Educación Matemática*. Volumen 25, Número E, 2014.
- VARGAS, J.L.S. **Uma Abordagem Etnomatemática sobre as implicações dos números no Batuque do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: PUCRS, 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Faculdade de Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, 2016.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.